



## De um mundo a outro, estranhas similitudes: Ensaio de um questionamento missionário<sup>1</sup>

Alain Legros<sup>2</sup>

Controversa e enumeração. Montaigne é adorador de ambas, mas cada uma em seu lugar e em sua forma (seja oral ou escrita). O lugar das controversas é, em seu mais amplo sentido, a escola. Descobri-las publicamente perturba as consciências e quiçá suscita massacres ao atingir a teologia e a religião. A menos que, como foi o caso em Isny, sejamos acompanhados de membros de diferentes confissões capazes de “conferir” com rigor: Montaigne se envolve então de bom grado em uma troca contraditória sobre os temas do ubiquismo e da presença real, como também busca, durante sua viagem, o “comércio” de jesuítas e rabinos com quem ele possa dialogar e altercar os pontos de vista<sup>3</sup>. Redigir controversas é, contudo, outra tarefa! Sobretudo quando destinadas à publicação. Certamente, o autor dos *Ensaio*s toma partido, como verdadeiro militante, sempre que a crueldade está em jogo. Tal é o caso quando, por exemplo, fustiga a conduta dos colonizadores do Novo Mundo ou incita os juízes das bruxas a maior circunspeção<sup>4</sup>. No entanto, fora tais casos que colidiriam com sua sensibilidade e consciência, ele anuncia sua opinião (“*advis*”) – ou melhor sua conversa ou bate-papo (“*devis*”<sup>5</sup>) – de maneira superficial, sobre assuntos

1 Com as devidas autorizações, pelas quais agradecemos, do autor, Alain Legros, e do editor da *Montaigne Studies*, Philippe Desan, a presente tradução foi realizada a partir do original francês: Alain Legros, « D'un monde à l'autre, étranges similitudes: mise à l'essai d'un questionnement missionnaire », in *Montaigne et le Nouveau Monde*. Chicago: University of Chicago, Montaigne Studies. An Interdisciplinary Forum, éd. P. Desan, vol. 22, n°1-2, 2010, p. 127-136.

2 Pesquisador associado ao Centre d'Études Supérieures de la Renaissance (CESR), Université de Tours. E-mail: al.legros1@free.fr

3 Cf. *Journal de voyage de Michel de Montaigne*, éd. F. Rigolot, PUF, 1992, p. 33-34, 36, 40, 46, 65, etc.

4 Cf. « Des coches » (III, 5), e « Des Boiteux » (III, 11). No presente artigo todas as citações dos *Ensaio*s referem-se à seguinte edição francesa: Michel de Montaigne, *Les Essais*, éd. J. Balsamo, M. Magnien, C. Magnien-Simonin, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 2007.

5 « Qui mettroit mes resveries en conte, au prejudice de la plus chetive loy de son village, ou opinion, ou coustume, il se feroit grand tort, et encores autant à moy. Car en ce que je dy, je ne pleuvis autre certitude, sinon que c'est ce, que lors j'en avoy en la pensée. Pensée tumultuaire et vacillante. C'est par maniere de devis, que je parle de tout, et de rien par maniere d'advis. » (*Essais*, III, 11, p. 1079)

que ele discute mais prontamente e prolongadamente na esfera privada e no âmbito da oralidade: traduções da Bíblia<sup>6</sup>, pluralidade dos mundos, heliocentrismo, nova medicina<sup>7</sup> etc. Sua obra escrita não deixa, contudo, de abordar à sua maneira as controvérsias de seu tempo, ou seja, “por algum viés”.

Dentre elas, encontra-se uma controvérsia de origem missionária à qual faz eco a passagem da “Apologia” (II, 12) reproduzida em anexo. Passagem essa que nos interessa tanto pela sua “maneira” (singular) quanto por sua “matéria” (estrangeira). Com efeito, na esteira de Rabelais e antecipando Prévert, Montaigne faz uso da enumeração nesse excerto. Assim como o faz em outras passagens da “Apologia”, quando por exemplo evoca a diversidade de sinais com a mão ou as variadas concepções da alma. Tal escolha estilística também é uma resposta ou, melhor dizendo, uma interrogação filosófica pronunciada por um filósofo da espécie “investigativa, não resolutiva”<sup>8</sup>. Se por um lado o autor se apropria do questionamento missionário e dos temas que o cercam sem, contudo, se engajar numa oposição frontal, por outro ele desloca os problemas do assunto tratado por meio das enumerações, sendo este o único recurso linguístico compatível com o bricabraque do conteúdo que ele evoca a partir das suas leituras e eventualmente das suas conversações.

Quando redigiu estas páginas da “Apologia”, Montaigne por certo tinha lido Francisco López de Gómara, entre outros autores que escreveram sobre países distantes (Las Casas, Léry, Thevet, Mendóza, Benzoni, Münster, Castañeda...). Podemos ademais levantar a hipótese de que Montaigne tenha sido informado de alguma maneira das pautas debatidas por Joseph de Acosta e outros missionários, jesuítas ou não. Ele não tinha, de fato, como ter ciência do futuro livro de Joseph-François Lafitau. Porém, se aqui convém evocar o jesuíta, é porque confrontou em sua época uma questão engajada anteriormente a Montaigne e que continuou sendo debatida por mais de um século após. Do século XVI à atualidade, é abundante a literatura testemunhal, histórica ou crítica<sup>9</sup> que remete ao tema da evangelização e

6 Cf. « Des prières » (I, 56).

7 Se essas três últimas controvérsias são discutidas nas páginas anteriores ao excerto da « Apologia de Raymond Sebond » aqui estudado (cf. anexo), certamente não é por acaso, especialmente em um capítulo que pretende mostrar os limites da razão humana.

8 « Enquestente, non resolutive » (III, 11, p. 1076), ou « enquesteuse » conforme consta no Exemplar de Bordeaux (EB).

9 Sendo essa literatura essencialmente espanhola e latina, mesmo se também francesa. No tocante aos estudos contemporâneos, ver notadamente: P. Ricard, *La “conquête spirituelle” du Mexique. Essai sur l’apostolat et les méthodes missionnaires des Ordres Mendicants en Nouvelle-Espagne de 1523-24 à 1572*, Paris, Institut d’Ethnologie, 1933 ; M. Bataillon, « L’unité du genre humain du P. Acosta au P. Clavigero », dans *Mélanges à la mémoire de Jean Sarrailh*, Paris, Centre de recherches de l’Institut d’études hispaniques, 1966, tome I, p. 75-95 ; F. Weymuller, *Histoire du Mexique*, PUF, 1967 ; F. Lestringant, *Le Huguenot et le Sauvage*, 2e éd., Paris, Klincksieck, 1999 (1re éd. 1990) ; Y. El Alaoui, *Jésuites, Morisques et Indiens. Etude comparative des méthodes d’évangélisation de la Compagnie de Jésus d’après les traités de José de Acosta (1588) et d’Ignacio de las Casas (1605-1607)*, Paris, H. Champion, 2006. A essas publicações, podemos acrescentar o ensaio livre de D. de Courcelles, *Montaigne au risque du Nouveau Monde*, Paris, Brepols, 1996.

eventualmente ao da inculturação. Dito isto, dado a sua relevância os três autores acima mencionados bastam para pôr em perspectiva a própria abordagem de Montaigne.

Sabe-se que foi na *Historia general de las Indias* de Gómara (publicada em Saragoça em 1552, e em Anvers em 1554) e principalmente na sua tradução francesa por Martin Fumée<sup>10</sup>, que Montaigne extraiu a maioria das informações que nutrem seu longo inventário. Já foi estabelecida por Pierre Villey, em sua edição dos *Ensaïos*, a lista de tais empréstimos, quase todos inseridos na “Apologia” em 1588. Ao ler a obra de Gómara, Montaigne obtém diversas informações, notadamente sobre as cruzes americanas, que já eram conhecidas antes mesmo da chegada de Cortés<sup>11</sup>, o purgatório glacial<sup>12</sup>, o casal primitivo<sup>13</sup>, os padres borrifadores de água benta<sup>14</sup>, a veneração de um deus que tinha sido “santo homem” e que os “Índios” colocavam acima de tudo<sup>15</sup>, os ídolos adornados por uma “mitra pastoral”<sup>16</sup>, as moradas dedicadas às mulheres<sup>17</sup>, o dilúvio<sup>18</sup> e a ressurreição<sup>19</sup>. Percebe-se que tal como Montaigne, eu mesmo adotei insensivelmente o hábito da enumeração... Em Gómara (ou Fumée), tais informações se encontram dispersas, integradas à narração e precisamente localizadas nas regiões exploradas pelos espanhóis ao longo da conquista. Por fim, diversos outros costumes alheios à religião relatados por Gómara serão, igualmente, empregados pelo autor dos *Ensaïos*.

Não obstante, já não é tão certo que Montaigne tenha conhecido o jesuíta Acosta, sua obra ou suas ações. Mais novo seis anos, Acosta passou pelas “Índias ocidentais” em 1571, e em seguida voltou à Espanha após sua estadia no Peru. Autor da *Doctrina christiana* (Lima, 1583), do *De procuranda salute Indorum* (Salamanca, 1588 ; texto escrito em 1575-1576), e da *Historia natural y moral de las Indias* (Sevilha, 1590 ; traduzida no idioma francês por Robert Regnault em 1598), Acosta se empenhou em destacar as analogias existentes entre as religiões ameríndias e a religião cristã : templos, padres, mosteiros de virgens, ordens religiosas, cultos

10 *Histoire generale des Indes, et terres neuves, qui jusques à présent on esté decouvertes*, Paris, 1568, e 1584 para o texto completo.

11 « *Croix de leton et de bois* » sur les tombes ; « *croix faictes comme celle de Sainct André* » ; *croix Bourguignonnes, traversantes les unes dans les autres* » ; et celle, « *grande de dix palmees* », qu'ils « *portoient en procession* ».

12 « *Au pays de la Tramontane* ».

13 *Un seul homme et une seule femme*, « *lesquels incontinent eurent des enfans* ».

14 *Ils sont* « *vestus de longues aubes* ».

15 *Il était* « *demeur[é] en perpetuelle virginité* ».

16 « *On ne sçait encore la cause pourquoy* ».

17 « *Où elles sont enserrees, comme en des monasteres* ».

18 « *Il cheut tant d'eau du ciel que toutes les campagnes furent submergees ; et toutes les personne noïees, exceptées celles qui se sauverent dedans des creus, et cavernes des hautes montagnes, l'entree desquelles ils boucherent* ».

19 *Aux Espagnols qui dispersaient les ossements après avoir ouvert les sépultures, les « Indiens » disent* « *de ne pas faire ainsi, de peur qu'estans ainsi ecartez ils ne peussent resusciter. Car ils croient la resurrection des corps, et l'immortalité de l'âme* ».

à imagens e estátuas, bem como o reconhecimento de um “Deus supremo” (ele é “Senhor de todas as coisas”, isento de nome), a veneração de Tangatanga, o deus uno e trino, mas também das três estátuas do Sol (pai, filho, irmão), uma forma de comunhão (*Eucharistiæ nostræ umbra [quæ] dam*, diz o texto latino: no Peru, os devotos comem juntos pequenos pães de milho, “para que fossem [traduz Regnault] confederados e unidos ao Ingua” ou Inca), uma espécie de batizado (por água), a confissão verbal de certos pecados com penitências impostas pelo confessor (ele deve manter a confissão em segredo, porém não demonstra interesse por pensamentos e sentimentos internos). Montaigne não pôde, contudo, recorrer a esta fonte que o teria permitido prolongar um tanto seu catálogo.

Lafitau leu Montaigne? Em todo caso, ele conhecia bem Gómara e Acosta, assim como Pierre Martyr, Oviedo, Herrera, Thevet, Lescarbot, Champlain, Ruiz e Grotius. Desta feita, todos aqueles que escreveram sobre as Américas e seus habitantes, cujas origens são problemáticas, forneceram-lhe conteúdo suficiente para ilustrar seu *Mœurs des sauvages ameriquains comparées aux mœurs des premiers temps* (Paris, 1724). Lafitau procura, em seguida, investigar os “vestígios do Judaísmo e do Cristianismo que encontramos na América”, uma vez que lhe parece “surpreendente ver o símbolo adorável da Cruz glorificado na América, antes mesmo da chegada dos europeus” (cf. Gómara). Refere-se notadamente às cruzes de Santo André, com as quais cobrimos as crianças para protegê-las dos terrores noturnos (cf. Acosta), ou ainda à cruz milagrosa do Paraguai, enterrada perto de um lago durante quinze séculos (cf. Ruiz). Também constata formas de circuncisão (cf. Grotius), de batismos preparados pelos pais em jejum ao prestarem continência (cf. Pierre Martyr e Herrera, que fala de “regeneração”), de confissão e de eucaristia (Acosta), ou ainda de unção (“a unção da testa, [o] honesto sepultamento e [a] crença no Juízo Universal”).

Na obra de Lafitau, o que nos interessa é que, partindo dos fatos reunidos de diversas leituras, ele traz à tona os questionamentos levantados pelos diferentes autores desde Gómara, assim como as eventuais respostas e conclusões obtidas. Ele consegue assim salientar os elementos de uma controvérsia missionária tão antiga quanto a descoberta da América, da qual os ecos podem ter chegado até Montaigne, nomeadamente por meio de testemunhos orais. — Acima de tudo, seriam os “Índios” homens? Sem uma resposta positiva a tal questão (uma resposta evidente para aqueles que tiveram contato com as culturas do México e do Peru, igualmente confirmada por ambas as Bulas do Papa Paulo III e pelas publicações militantes de Vitoria e Las Casas), o trabalho de evangelização não tinha mais razão de ser, uma vez que a história da salvação não dizia mais respeito aos “animais” indígenas. — Seriam eles descendentes de populações indígenas ou migrantes (de um continente ao outro, por terra ou por mar: passagem do Nordeste entre América e Ásia, Atlântida submergida...)? Eis uma questão importante, na medida em que

mobiliza a crença na unidade do gênero humano proveniente exclusivamente de Adão e Eva. Os defensores da teoria poligenista conseguem, todavia, conceber certa compatibilidade entre tal teoria e a doutrina cristã. — Seriam as semelhanças entre as concepções e cerimônias religiosas dos “Índios” e do cristianismo obra de Deus ou do diabo? Ao depender da resposta, a missão enxerta o Evangelho sobre formas e crenças preexistentes e, portanto, exploráveis, ou ela faz então tábula rasa das formas e crenças julgadas nefastas para instaurar as suas.

Tendo em vista aprofundar essa última questão, propriamente missionária, vejamos a conclusão à qual chega Acosta. Basta ler os títulos de cada capítulo de sua obra para notar que ele admite, sem hesitar, a tese da origem demoníaca dessas crenças e costumes, ainda que próximos daqueles adotados pelos cristãos: “*Comme le diable s’est efforcé de s’égaler à Dieu, et de luy ressembler aux façons de sacrifices, religion, et sacremens*” (V, 11) ; “*Comme le diable s’est efforcé d’ensuyvre, et de contrefaire les sacremens de la sainte Eglise*” (V, 23). Resta que, de acordo com Acosta e toda uma tradição, Deus e sua Igreja podem reorientar as artimanhas do diabo contra ele próprio: “*Je veux terminer cette histoire des Indes en déclarant le moyen admirable par lequel Dieu y dispose et prépare l’entrée de l’Evangile.*” “*Les choses mêmes qu’il [i.e. le diable] avait volées*”, [Dieu les a en effet retournées] “*au détriment de l’ennemi, à ce que les Indiens qui les avaient reçues dans le mensonge les acceptent d’autant mieux sous leur forme véritable. Finalement, notre Dieu (qui avait engendré ces pays et semblait depuis si longtemps être oublié d’eux jusqu’à l’heure bienheureuse), voulut que les démons eux-mêmes, ennemis des hommes, témoignassent à leur corps défendant de la vraie Loi, de la puissance du Christ et du triomphe de sa croix, par les présages, prophéties, signe et prodiges rapportés ci-dessus*”.

Lafitau aprofunda ainda mais essa questão. Sempre se referindo a uma tradição comprovada, propõe “*raisonner des religions des Indes Orientales et Occidentales de la même manière qu’ont raisonné les Saints Pères sur les mystères des Anciens*”. Ele reconhece que, em ambos os casos, lidamos certamente com a ação do demônio “*qui a toujours été le singe de la Divinité*”, todavia “*les Sacremens de la nouvelle Loy avoient dans celle de Moïse, et dans la Loy de nature, leurs ombres et leurs figures, dont ils font la réalité, et l’accomplissement par la grace du Redempteur, de qui ils reçoivent toute leur vertu et toute leur efficacité*”. Assim sendo, podemos descartar a hipótese de uma antiga migração de judeus (filhos de Cam, filhos de Noé) e/ou de cristãos (missão de São Tomás), que teriam desembarcado outrora em território americano e semeado suas crenças e ritos. Universal, a “lei da natureza” teria sido suficiente para que Deus preparasse ao Evangelho aqueles que não tiveram contato com cristãos ou judeus antes da descoberta do Novo Mundo. Desde Cipriano, Jerônimo e Agostinho, a teologia chama de “prefiguração” a instilação de crenças e ritos, onde só resta à missão depor o conteúdo que deve difundir nas terras mais longínquas e nas quais existem homens: seguindo o exemplo do maná que “prefigura” a eucaristia, como

sombra desta realidade, imagem ou figura profética (terminologia essa que, por sinal, será igualmente empregada por Montaigne). Tratando das outras “Índias”, as “Orientais”, em sua obra *Histoire du grand royaume de la Chine, situé aux Indes Orientales* (Roma, 1585; tradução francesa em 1588), o agostiniano Juan González de Mendoza (lido por Montaigne) se inscreve na linha de pensamento: “De plusieurs Dieux qu’ils adorent en la Chine, ensemble de quelques figures qui se trouvent entre eux, lesquelles symbolisent aucunement avec celles du christianisme”<sup>20</sup>.

É desta forma, pois, que se expressam, sobre um fundo teológico, aqueles que se ocupam de evangelizar as “nações” longínquas e que, do século XVI ao século XVIII, debatem em torno das mesmas questões, preocupando-se em salientar a coesão e legitimidade das suas empreitadas. Montaigne não entra nesta categoria, mas por meio destes discursos podemos melhor apreciar sua maneira própria de considerar os fatos revelados por alguns (sobretudo Gómara), e de desviar o questionamento da órbita cristã, de onde emergiu, para orientá-lo rumo a horizontes distintos que fogem da controvérsia propriamente missionária.

A longa apresentação das milagrosas e “heteróclitas”<sup>21</sup> similitudes remete à tese de Epicuro sobre a existência de outros mundos semelhantes ao nosso; caso se pudesse chegar lá, veríamos neles exatamente as mesmas coisas que no mundo conhecido. No capítulo “Dos Coches” (III, 6), Montaigne deplora que o Novo Mundo não tenha sido conquistado por Alexandre e os gregos antigos, haja vista que, segundo ele, seriam melhores colonizadores que os espanhóis, mais curiosos, mais respeitosos e seguramente mais filósofos. Ele expõe fatos que poderiam ilustrar sua tese e inicia, logo após, um diálogo com Platão. É essa exposição fictícia das similitudes entre velho e novo continentes que explica a escolha da *dispositio*: um inventário, catálogo ou registro dos fatos similares. É preciso, todavia, constatar desde já que ao término da lista Montaigne passa repentinamente das similitudes às diferenças, ou até mesmo às oposições, relativas às formas de tratar o pênis ou, ainda, de se vestir na presença de um príncipe. O que, de certa maneira, lança dúvida sobre a pertinência da tese de Epicuro...

Aos fatos já mencionados por Gómara, aos quais agrega alguns outros trazidos por autores diversos, Montaigne acrescenta na “Apologia” uma reflexão geral que lembra, notadamente pelos termos empregados, àquelas relatadas acima: “*Ces vains ombrages de nostre religion, qui se voient en aucuns de ces exemples, en tesmoignent la dignité et la divinité. Non seulement elle s’est aucunement insinuée en toutes les nations infideles de deça, par quelque imitation, mais à ces barbares aussi comme par une commune et supernaturelle inspiration.*” Montaigne faz uso aqui de uma linguagem tipicamente missionária ou, melhor dizendo, ele adota a linguagem de um missionário que teria se apropriado da teoria indigenista e descartado a hipótese da transmissão da religião e

20 Título do capítulo I. As citações em francês são extraídas da edição de 1606 (tradução de J. Arnaud).

21 Adjetivo empregado por Montaigne no sentido etimológico: “estranhos”.

dos costumes por via de migração, distinguindo assim nitidamente o caso das “Índias orientais” (a China) daquele das “Índias ocidentais” (o outro mundo, americano). Se no primeiro caso as semelhanças são imputáveis à contiguidade geológica (por “imitação”), no segundo elas escapam ao entendimento. A menos que se suponha uma “inspiração sobrenatural” em benefício de todo o gênero humano: tal afirmação se inscreve na doutrina cristã, servindo de embasamento para sua supremacia sobre a humanidade dita descendente de Adão, universalmente “inspirada” mesmo sabendo que a Revelação apenas foi atribuída a um único povo, e seguidamente aos seus herdeiros para que possam, por sua vez, difundir-la. Seriam “em vão”, já que inúteis para a Salvação, os “sombreados”<sup>22</sup> de “nossa religião” encontradas no Novo Mundo, porém sua existência representa a glória da religião cristã em razão do que foi chamado anteriormente de “prefiguração”. Sem se referir diretamente a essa tradição doutrinal, Montaigne admite que todas as similitudes mencionadas “*par aucun biais ne semblent tenir à nostre naturel discours.*”

Entretanto, como é de praxe na fluidez da redação dos ensaios, Montaigne não cessa por aí e elabora em seguida seu propósito. Algumas linhas a frente, uma reflexão geral aflora, agora livre de qualquer referência teológica: “*Mais suyvons. Si nature enserre dans les termes de son progrez ordinaire, comme toutes autres choses, aussi les creances, les jugemens, et opinions des hommes : si elles ont leur revolution, leur saison, leur naissance, leur mort, comme les choux : si le ciel les agite, et les roule à sa poste, qu'elle magistrale autorité et permanente, leur allons nous attribuant ?*”. O discurso fundante das “crenças” se encontra por assim dizer *dans les choux*, isto é, em apuros! E o mesmo ocorre em qualquer discurso humano, inclusive o discurso que, aqui esboçado livremente, sugere que as opiniões, costumes e crenças dependem do local onde “nos sentamos”. Eis o que, na esteira de Horácio, afirma em sustância a seguinte sentença pintada no teto da “livraria” de Montaigne: “*partout où m'emporte la saison, je m'installe, mais je ne reste pas.*”<sup>23</sup> O mesmo pode ser dito do processo de escrita do ensaio. Tratando da dificuldade que têm os humanos em conhecer suas necessidades e desejos, encontramos logo após, no texto de 1588 (remanejado no Exemplar de Bordeaux, assim como em 1595), uma declaração que nos remete à proposta edificante previamente alegada: “*C'est pourquoy le Chrestien plus humble, et plus sage, et mieux recognoissant que c'est de luy, se rapporte à son créateur de choisir et ordonner ce qu'il luy faut. Il ne le supplie d'autre chose, sinon que sa volonté soit faite*”. Poderíamos nos deter sobre essa recordação de uma das demandas do *Pater noster*, se Montaigne não a tivesse instantaneamente relacionado ao desapontamento risível do rei Midas, ao seu próprio desejo juvenil de se tornar um dia cavaleiro da ordem de São Miguel e às diferentes maneiras de conceber um soberano entre

22 Cf. A. Legros, « Les “ombrages” de Montaigne et d’Augustin », Bibliothèque d’Humanisme et Renaissance, tome 55, 1993 (3), p. 547-563.

23 O verso reproduzido é extraído das *Epístolas* de Horácio (I, 1, peça endereçada a Mecenas, v. 15): « *Quo me cunque rapit deferor hospes* ». Cf. A. Legros, *Essais sur poutres. Peintures et inscriptions chez Montaigne*, préface de Michael Screech, Paris, Klincksieck, 2000 (2e éd., 2003), p. 335-338.

os filósofos... Tudo se sustenta, mas o que aparentava ser conclusivo é levado pelo fluxo, esse fluxo que perdemos, sob o risco de um contrassenso, ao coletar uma frase, uma página, ou mesmo, como é o caso aqui, três páginas dos *Ensaio*s<sup>24</sup>.

Aderindo, apesar de tudo, ao trecho em questão, percebe-se que se por um lado seu segundo movimento lembra uma “disputa”, tanto pela sua forma quanto pelo seu conteúdo, por outro seu primeiro movimento corresponde a um catálogo, dado a escolha e a ordem dos fatos enumerados, que não carece, outrossim, de implicação filosófica. Nesse inventário *à la* Prévert, o religioso beira por diversas vezes o trivial: a eucaristia coabita com os jogos de dados, a virgindade consagrada convive com o “membro”, o ato religioso da circuncisão afina-se com o costume exótico (ou apenas profano?) que lhe é oposto... Como já foi dito, as semelhanças não ofuscam as diferenças. Dessa acumulação não podemos concluir nem que tudo é idêntico em ambos os mundos (cf. Epicuro), nem que os fatos religiosos devem ser absolutamente singularizados (cf. Acosta). O olhar do filósofo ou do missionário tende a ser substituído pelo ponto de vista do antropólogo, ou ao menos do etnógrafo. Resta-nos a admiração diante do “milagre” humano, que seja da natureza ou de Deus. “Iris é filha de Thaumantis”<sup>25</sup>: o arco-íris jorrou um dia do espanto. É também de onde nasce o pensamento, pelo menos o pensamento livre.

### Anexo

Texto de referência: Montaigne, *Les Essais*, éd. J. Balsamo, M. Magnien, C. Magnien-Simonin, Bibliothèque de la Pléiade, Paris, Gallimard, 2007, p. 607-611. As modificações do texto de 1588 efetuadas na edição de 1595 se encontram em itálico. Duas divergências entre esse texto impresso e o texto manuscrito do Exemplar de Bordeaux foram indicadas entre colchetes (cf. P. Desan éd., *Reproduction en quadrichromie de l'Exemplaire de Bordeaux des Essais de Montaigne*, Fasano-Chicago, Schena Editore-Montaigne Studies, 2002, f° 241 v° - f° 243 v°).

« [...] Epicurus [dit] qu'en mesme temps que *les choses sont icy comme nous les voyons*, elles sont toutes pareilles, et en mesme façon, en plusieurs autres mondes. Ce qu'il eust dict plus asseurement, s'il eust veu les similitudes, et convenances de ce nouveau monde des Indes *Occidentales*, avec le nostre, present et passé, en si estranges exemples. *En verité considerant ce qui est venu à nostre science du cours de cette police terrestre, je me suis souvent esmerveillé de voir en une tres-grande distance de lieux et de temps, les rencontres d'un si grand nombre d'opinions populaires, sauvages, et des moeurs et creances sauvages, et qui par aucun biais ne semblent tenir à nostre naturel discours.*

24 Ao isolar tal frase de um longo desenvolvimento e dedicar-lhe um parágrafo, sob o pretexto de que foi inserida em 1588, corremos o risco de atribuir um valor assertivo à condenação que ela implica se a colocarmos novamente em seu contexto, como uma das passagens de um pensamento em movimento: « *Nous sommes Chrestiens à mesme tiltre que nous sommes ou Perigordins ou Alemans* » (*Essais*, II, 12, p. 466, sem parágrafo). Duas linhas antes, é possível ler: « *Ces considerations là doivent estre employées à nostre creance, mais comme subsidiaires : ce sont liaisons humaines* »...

25 *Essais*, III, 11, p. 1076 (« *Thaumantis* », i.e. « *Thaumas* » ; fonte : Hesíodo).



*C'est un grand ouvrier de miracles que l'esprit humain. Mais cette relation a je ne sçay quoy encore de plus heteroclite : elle se trouve aussi en noms [EB ajoute « en accidans »], et en mille autres choses. Car on y trouva des nations, n'ayans (que nous sçachions) jamais ouy nouvelles de nous, où la circoncision estoit en credit : où il y avoit des estats et grandes polices maintenuës par des femmes, sans hommes : où nos jeusnes et nostre caresme estoit representé, y adjoustant l'abstinence des femmes : où nos croix estoient en diverses façons en credit, icy on en honnoroit les sepultures, on les appliquoit là, et *nommément* celle de S. André, à se deffendre des visions nocturnes, et à les mettre sur les couches des enfans contre les enchantements : ailleurs ils en rencontrèrent une de bois de grande hauteur, adorée pour Dieu de la pluye, et celle là bien fort avant dans la terre ferme : on y trouva une bien expresse image de nos penitentiens : l'usage des mitres, le cœlibat des Prestres, l'art de deviner par les entrailles des animaux sacrifiez : l'abstinence de toute sorte de chair et poisson, à leur vivre, la façon aux Prestres d'user en officiant de langue particuliere, et non vulgaire : et cette fantasie, que le premier dieu fut chassé par un second son frere puisné ; qu'ils furent creés avec toutes commoditez, lesquelles on leur a depuis retranchées pour leur peché ; changé leur territoire, et empiré leur condition naturelle : qu'autresfois ils ont esté submergez par l'inondation des eaux celestes, qu'il ne s'en sauva que peu de familles, qui se jetterent dans les hauls creux des montagnes, lesquels creux ils boucherent, si que l'eau n'y entra point, ayans enfermé là dedans, plusieurs sortes d'animaux ; que quand ils sentirent la pluye cesser, ils mirent hors des chiens, lesquels estans revenus nets et mouillez, ils jugerent l'eau n'estre encore guere abaissée ; depuis en ayans fait sortir d'autres, et les voyans revenir bourbeux, ils sortirent repeupler le monde, qu'ils trouverent plein seulement de serpens. On rencontra en quelque endroit, la persuasion du jour du jugement, si qu'ils s'offençoient merueilleusement contre les Espagnols qui espandoient les os des trespassez, en fouillant les richesses des sepultures, disans que ces os escartez ne se pourroient *facilement rejoindre* : la trafique par eschange, et non autre, foires et marchez pour cet effect : des nains et personnes *difformes*, pour l'ornement des tables des Princes : l'usage de la fauconnerie selon la nature de leurs oyseaux ; subsides tyranniques : delicatesses de jardinages ; dances, saults bateleresques ; musique d'instrumens ; armoiries ; jeux de paulme ; jeu de dez et de sort, auquel ils s'eschauffent souvent, jusques à s'y jouer eux mesmes, et leur liberté : medecine non autre que de charmes : la forme d'escire par figures : creance d'un seul premier homme pere de tous les peuples : adoration d'un Dieu qui vesquit autrefois homme en parfaite virginité, jeusne, et poenitence, preschant la loy de nature, et des ceremonies de la religion, et qui disparut du monde, sans mort naturelle : l'opinion des geants : l'usage de s'enyvrer de leurs breuvages, et de boire d'autant : ornemens religieux peints d'ossemens et testes de morts, surplys, eau-beniste, aspergez ; femmes et serviteurs, qui se presentent à l'envy à se brusler et enterrer, avec le mary ou maistre trespasé : loy que les aisnez succedent à tout le bien, et n'est reservé aucune part au puisné, que*

d'obeissance : coustume à la promotion de certain office de grande autorité, que celui qui est promeu prend un nouveau nom, et quitte le sien : de verser de la chaulx sur le genou de l'enfant freschement nay, en luy disant, Tu és venu de pouldre, et retourneras en pouldre : l'art des augures. Ces vains ombrages de nostre religion, qui se voient en *aucuns de* ces exemples, en tesmoignent la dignité et la divinité. Non seulement elle s'est aucunement insinuée en toutes les nations infideles de deça, par quelque imitation, mais à ces barbares aussi comme par une commune et supernaturelle inspiration : car on y trouva aussi la creance du purgatoire, mais d'une forme nouvelle ; ce que nous donnons au feu, ils le donnent au froid, et imaginent les ames, et purgées, et punies, par la rigueur d'une extreme froidure. Et m'advertit cet exemple, d'une autre plaisante diversité : car comme il s'y trouva des peuples qui aymoient à deffubler le bout de leur membre, et *en* retranchoyent la peau à la Mahumetane et à la Juifve, il s'y en trouva d'autres, qui faisoient si grande conscience de le deffubler, qu'à tout des petits cordons, ils portoient leur peau bien soigneusement estiree et attachee au dessus, de peur que ce bout ne vist l'air. Et de ceste diversité aussi, que comme nous honorons les Roys et les festes, en nous parant des plus honnestes vestements que nous ayons : en aucunes regions, pour monstrier toute disparité et submission à leur Roy, les subjects se presentoyent à luy, en leurs plus viles habillements, et entrants au palais prennent quelque vieille robe deschiree sur la leur bonne, à ce que tout le lustre, et l'ornement *soit* au maistre. Mais suyvons. Si nature enserre dans les termes de son progrez ordinaire, comme toutes autres choses, aussi les creances, les jugemens, et opinions des hommes : si elles ont leur revolution, leur saison, leur naissance, leur mort, comme les choux : si le ciel les agite, et les roule à sa poste, qu'elle magistrale autorité et permanante, leur allons nous attribuant ? Si par experience nous touchons à la main que la forme de nostre estre despend de l'air, du climat, et du terroir où nous naissons : non seulement le tainct, la taille, la complexion et les contenance, mais encore les facultez de l'ame: *Et plaga coeli non solum ad robur corporum, sed etiam animorum facit, dit Vegece : Et que la Deesse fundatrice de la ville d'Athenes, choisit à la situer, une temperature de pays, qui fist les hommes prudents, comme les prestres d'Ægypte apprirent à Solon : Athenis tenue coelum : ex quo etiam acutiores putantur Attici : crassum Thebis : itaque pingues Thebani, et valentes* : en maniere qu'*ainsi que* les fruicts naissent divers, et les animaux, les hommes naissent aussi plus et moins belliqueux, justes, temperans et dociles : icy subjects au vin, ailleurs au larecin ou à la paillardise : icy enclins à superstition, ailleurs à la mescreance : *icy à la liberté, icy à la servitude* : capables d'une science ou d'un art : grossiers ou ingenieux : obeyssans ou rebelles : bons ou mauvais, selon que porte l'inclination du lieu où ils sont assis, et prennent nouvelle complexion, si on les change de place, comme les arbres : qui fut la raison, pour laquelle Cyrus ne voulut accorder aux Perses *d'abandonner* leur pays aspre et bossu, pour se transporter en un autre doux et plain : *disant que les terres grasses et molles font les hommes mols, et les fertiles les esprits infertiles*. Si nous voyons tantost fleurir un art, une creance [EB

conserve « opinion »] tantost une autre, par quelque influence celeste : tel siecle produire telles natures, et incliner l'humain genre à tel ou tel ply : les esprits des hommes tantost *gaillars*, tantost *maigres*, comme nos champs : que deviennent toutes ces belles prerogatives dequoy nous nous allons flattants ? Puis qu'un homme sage se peut mesconter, et cent hommes, et plusieurs nations : voire et l'humaine nature selon nous, se mesconte plusieurs siecles, en cecy ou en cela : quelle seureté avons nous que par fois elle cesse de se mesconter, *et qu'en ce siecle elle ne soit en mescompte ? [...]* ».

Tradução de Melina Guedes Lins<sup>26</sup>

Revista digital: [www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos](http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos)



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

---

26 Estudante em « Classe Préparatoire aux Grandes Écoles » (Hypokhâgne) na Cité Scolaire Michelet de Vanves (França). E-mail: [melinaglins@gmail.com](mailto:melinaglins@gmail.com)